



O ENTRE O NÍVEL FUNDAMENTAL E A VERIDICÇÃO: O PERCURSO GERATIVO COMO FICÇÃO

Lázzaro Ferreira

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Letras, laaazzaro@ufmg.br

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre a arquitetura da significação à luz da Semiótica Textual, partindo do percurso gerativo até as instâncias discursivas. São mobilizados os conceitos de nível narrativo, fundamental, discursivo e veridicção para delinear a articulação entre produção, circulação e interpretação de sentidos.

Palavras-chave: Semiótica, percurso gerativo, nível narrativo, nível discursivo, veridicção

1. Introdução

A travessia pelo tecido do sentido convida-nos a penetrar os meandros da Semiótica Textual – esse método que não apenas descreve, mas diseca e reanima as estruturas da significação. Este artigo parte da prerrogativa de compreender como os diversos níveis de análise semiológica se interpenetram: desde a germinação mais abstrata do percurso gerativo até os modos de manifestação no discurso e na enunciação, perfazendo a espiral que embala o leitor, o intérprete e o produtor de signos.

Nosso ponto de partida é o modelo teórico clássico da Semiótica de linha francesa, particularmente no que tange à proposta greimasiana, que estrutura a produção de sentido em níveis sobrepostos e imbricados. O objetivo deste trabalho é articular, de

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.19	2025.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





maneira sistemática, os quatro principais tópicos estudados: o percurso gerativo e os tipos de linguagem; a dimensão pragmática e cognitiva do nível narrativo; o nível fundamental e a sua articulação com o discursivo; e, por fim, o regime de veridicção como dispositivo regulador dos efeitos de sentido.

2. Dos Fatos: Fundamentos Teóricos e Percurso Gerativo

O ponto inaugural da Semiótica Textual reside no percurso gerativo de sentido – essa travessia que parte do mais profundo substrato tensivo até emergir como superfície discursiva. Greimas (1973) desenha esse percurso em três níveis principais: fundamental, narrativo e discursivo, como se fossem três espirais entrelaçadas que modulam a transição do abstrato ao concreto.

O percurso gerativo opera como uma cartografia das possibilidades de significação, desdobrando-se a partir de dois eixos primordiais: a estruturação tensiva do nível fundamental, em que categorias semióticas como *ser/não-ser* e *fazer/não-fazer* engendram a matriz elementar do sentido; e sua projeção no nível narrativo, onde se inscrevem as programações de sujeitos e objetos, em termos de *fazer* e *querer-fazer*.

Ademais, destacam-se os tipos de linguagem: linguagem natural, linguagem icônica, linguagem simbólica – expressões que, conforme Floch (1985), atravessam e articulam os níveis do percurso gerativo, dando carne aos ossos da estrutura abstrata. Assim, toda linguagem é simultaneamente fenômeno e estrutura, expressão e conteúdo, instaurando-se como mediadora entre o mundo e o sentido.

Por conseguinte, nossa leitura compreende que o percurso gerativo não é uma linha reta, mas antes uma coreografia de níveis que se entrelaçam, modelando-se reciprocamente. Tal complexidade exige um olhar atento aos desdobramentos



pragmáticos e cognitivos que operam, sobretudo, no nível narrativo.

3. Metodologia: A Desconstrução dos Níveis da Narratividade

Adotamos, neste trabalho, uma abordagem analítico-descritiva de cunho teórico, fundada na tradição da análise semiótica, a partir da desconstrução e exemplificação das categorias estudadas. Cada nível será analisado por meio da articulação entre seus conceitos constitutivos, ilustrando-se as implicações e tensões internas que perpassam a arquitetura da significação.

Partimos da dimensão pragmática do nível narrativo — que trata das relações entre sujeitos, objetos de valor e destinações —, compreendendo-a como o locus das operações de manipulação e competência. O contrato narrativo, nesse sentido, estrutura-se como uma rede de promessas e sanções, como diria Greimas (1983), em que o sujeito busca a realização de um objeto de valor, sempre tensionado pela competência modal e pela performance.

A dimensão cognitiva, por sua vez, refere-se à organização dos esquemas narrativos que estruturam a inteligibilidade do fazer, isto é, à programação dos roteiros narrativos internalizados culturalmente. Este aspecto evidencia como a narrativa não é apenas uma forma estética, mas uma estrutura epistemológica, um modo de ordenar o mundo.

Para desenvolver a análise, valemo-nos de textos teóricos e exemplos clássicos da semiótica aplicada, cruzando-os com reflexões metateóricas acerca da linguagem, o que permite que a análise extrapole o plano empírico e penetre a tessitura conceitual.



4. Análise e Interpretação dos Dados: O Nível Fundamental, o Discursivo e a Veridicção

O nível fundamental emerge como o espaço mais abstrato da significação, onde as categorias se apresentam em estado tensivo, isto é, ainda não plenamente atualizadas enquanto programas narrativos ou discursivos. Conforme Zilberberg (2006), é nesse nível que se instauram as oposições elementares — vida/morte, presença/ausência —, moduladas pela força tensiva, que por sua vez condiciona a passagem para os níveis superiores.

A passagem ao nível discursivo implica a atualização das categorias fundamentais em formas concretas de expressão: sujeitos com identidade, espaços, tempos, valores culturalmente determinados. O nível discursivo, portanto, é onde se encena a semiótica do mundo vivido, articulando isotopias e cenografias que tornam a narrativa inteligível e experienciável.

Essa atualização não é neutra: é atravessada pelo regime de veridicção, mecanismo que regula os efeitos de verdade e de mentira no discurso. Greimas (1983) delineou os quadrados veridictórios como sistemas que determinam as posições de ser, parecer, não-ser e não-parecer, produzindo efeitos pragmáticos que modelam o contrato de confiança entre enunciador e enunciatário.

Assim, o discurso não apenas informa, mas performa uma verossimilhança, engendrando crenças e afetos. A veridicção, nesse aspecto, opera como o teatro onde se encena a credibilidade do enunciado, jogando com a suspensão da descrença e a ativação da confiança.

Ao observar essas articulações, nota-se que a significação não é uma instância estática, mas um campo de forças em perpétuo movimento, atravessado por



operações estratégicas e tensivas, cujos efeitos determinam as formas com que o sentido se manifesta e circula.

5. Conclusão

Neste percurso reflexivo, contemplamos a Semiótica Textual não como um conjunto estanque de categorias, mas como um organismo vivo, pulsante, que se renova na práxis interpretativa. A travessia do nível fundamental ao discursivo, passando pelo narrativo, revela-se menos como uma escada de degraus fixos e mais como um rizoma, para evocar Deleuze e Guattari (1980), onde cada ponto conecta-se a múltiplos outros.

A articulação entre a dimensão pragmática e cognitiva do nível narrativo evidencia como a narrativa é, ao mesmo tempo, ação e cognição, prática e teoria, estrutura e performance. O regime de veridicção, por sua vez, adensa a análise ao revelar que todo discurso é sempre uma aposta sobre a verdade, um jogo de luzes e sombras que seduz e interroga o leitor.

O objetivo inicial — compreender e descrever as articulações internas da produção de sentido à luz da Semiótica Textual — foi atingido, permitindo-nos vislumbrar a potência desse modelo teórico para a análise de textos e discursos. Este trabalho, por fim, inscreve-se como um convite à continuidade do pensamento, à reabertura do texto e à incessante produção de novas leituras.

Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora _____, 34, _____, 1980.
- FLOCH, J.-M. *L'identité visuelle: De la stratégie au design*. Paris: PUF, 1995.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 1983.
ZILBERBERG, C. *Tensão e significado*. São Paulo: Escuta, 2006.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Compartilha Igual (CC BY-SA- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.